

Quem é Jesus?

Uma Visão Bíblica da Morte e Ressurreição

Um apelo para um retorno à crença em Jesus, o Messias

Anthony F. Buzzard M.A. (Oxon.), M.A.Th.

Restoration Fellowship

www.restorationfellowship.org

© 1986, 2002

*“Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”
(1 Timóteo 2:5)*

Quem é Jesus?

Uma Visão Bíblica da Morte e Ressurreição

Título original em inglês:

Who Is Jesus?

A Plea for a Return to Belief in Jesus, the Messiah

Tradução: (Translation)

Fernando Coutinho Sánchez

Mérida-Venezuela

Janeiro de 2023

(ferjosousan@gmail.com)

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revisada e Atualizada (ARA). — Publicações eletrônicas. Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em caracteres *itálicos* em negrito. (***Itálico***)

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em "***ITALICAS***" e/ou transliteradas para português.

TABELA DE CONTEÚDOS

O Monoteísmo do Antigo Testamento Confirmado por Jesus e Paulo	4
Quem disse que o Messias era Deus?	6
O Filho de Deus	7
O Filho do Homem, o Senhor à direita de Deus	8
Jesus afirmou NÃO ser Deus	9
Língua Judaica de João	10
Glória diante de Abraão	10
O Logos em João 1:1	12
A “Divindade” de Jesus	13
Na Forma de Deus	13
Cabeça da Nova Criação	15
“A Futura Terra Habitada De Que Falamos”	16
O Pano De Fundo Hebraico Para O Novo Testamento	16
De Filho de Deus a Deus Filho	17
O Homem e a Mensagem Obscurecida	18
O que os académicos admitem	19
Jesus, homem e mediador	21
A confissão da Igreja	21
Apêndice	22
Notas Finais	25

Quem é Jesus?

A sugestão de que Jesus não é, de acordo com a Bíblia, “muito Deus de muito Deus” provavelmente será surpreendente para aqueles acostumados com os pontos de vista amplamente defendidos pelas principais denominações. Não é do conhecimento geral que muitos estudantes da Bíblia ao longo dos tempos, incluindo um número considerável de académicos contemporâneos, não concluíram que as Escrituras descreve Jesus como “Deus” com “D” maiúsculo.

Uma diferença de opinião sobre uma questão tão fundamental deveria desafiar-nos a todos para uma análise da importante questão da identidade de Jesus. Se a nossa adoração deve ser, como a Bíblia exige, “*em espírito e em verdade*” (João 4:24), é evidente que queremos compreender o que a Bíblia revela sobre Jesus e a sua relação com o Pai. As Escrituras avisam-nos que é possível cair na armadilha de acreditar em “*outro Jesus*” (2 Coríntios 11:4) – um “Jesus” diferente daquele que é revelado na Bíblia como o Filho de Deus, o Messias prometido pelos profetas do Antigo Testamento (AT).

É um facto notável que Jesus nunca se referiu a si próprio como “Deus”. Igualmente notável é o facto de o Novo Testamento (NT) usar a palavra “Deus” – em grego “*ho theos*” – para se referir apenas ao Pai, cerca de 1325 vezes. Em nítido contraste, Jesus é chamado “deus” apenas num punhado de textos – talvez não mais do que dois. [1] Porquê esta impressionante diferença no uso do NT, quando tantos parecem pensar que Jesus não é menos “Deus” do que o seu Pai?

O Monoteísmo do AT Confirmado por Jesus e Paulo

Os leitores das Escrituras no século XX podem não apreciar facilmente a força do monoteísmo – crença num só Deus – que era o primeiro princípio de todo o ensino do AT sobre Deus. Os judeus estavam dispostos a morrer pela sua convicção de que o verdadeiro Deus era uma única Pessoa. Qualquer ideia de pluralidade na Divindade era rejeitada como uma idolatria perigosa. A Lei e os Profetas tinham insistido repetidamente que só um era verdadeiramente Deus, e ninguém poderia ter imaginado “distinções” dentro da Divindade depois de ter memorizado textos como os seguintes (citados da *New American Standard Bible*–NASB):

“*Ouve, ó Israel! O Senhor nosso Deus é um só Senhor!*” (Deuteronómio 6:4).

“*Não temos todos um só Pai? Não foi um só Deus que nos criou?*” (Malaquias 2:10).

“*Antes de mim não se formou Deus, e depois de mim não se formará nenhum*” (Isaías 43:10).

“*Eu sou Deus, e não há outro*” (Isaías 45:22).

“*Eu sou Deus, e não há outro como Eu*” (Isaías 46:9).

Exemplos de afirmações estritamente monoteístas podem ser multiplicados no AT. O facto importante a observar é que Jesus, como fundador do Cristianismo, confirmou e reforçou a insistência do AT de que Deus é um só. De acordo com os registos dos seus ensinamentos compilados por Mateus, Marcos e Lucas, Jesus não disse absolutamente nada que perturbasse a crença na absoluta unicidade de Deus. Quando um escriba (um teólogo) citou as famosas palavras: “*que ele [Deus] é o único, e não há outro senão ele*”, Jesus

elogiou-o porque ele tinha “*respondido sabiamente*” e “*não estava longe do reino de Deus*” (Marcos 12:29-34).

No relato de João sobre o ministério de Jesus, Jesus confirmou igualmente o monoteísmo irrestrito da sua herança judaica em palavras que não podem ser mal interpretadas. Ele falou de Deus, seu Pai, como “*a glória que vem do Deus único*” (João 5:44) e “*o único Deus verdadeiro*” (João 17:3). Ao longo dos seus discursos registados, referiu a palavra “Deus” apenas ao Pai. Nem uma única vez disse que era Deus, uma noção que teria soado absurda e blasfema. As frases monoteístas unitárias de Jesus em João 5:44 e 17:3 são ecos da visão do AT de Deus como uma Pessoa única. Podemos facilmente discernir a ortodoxia judaica e do AT de Paulo, que falou da sua crença cristã num “único Deus, o Pai” (1 Coríntios 8:6) e no “único Deus” como distinto do “*Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem*” (1 Timóteo 2:5). Tanto para Jesus como para Paulo, Deus era um único Ser incriado, “*Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Efésios 1:3). Mesmo depois de Jesus ter sido exaltado à direita do Pai, o Pai continua a ser, nas palavras do próprio Jesus, o seu Deus (Apocalipse 3:12).

Podemos resumir a nossa discussão até agora citando as palavras de L.L. Paine, que foi professor de História Eclesiástica no “*Theological Seminary*” (Seminário Teológico) de Bangor:

“O AT é estritamente monoteísta. Deus é um ser único e pessoal. A ideia de que se encontra aí uma Trindade, ou mesmo de qualquer forma que seja, é uma suposição que durante muito tempo se manteve na teologia, mas que não tem qualquer fundamento. Os judeus, como povo, sob seus ensinamentos, tornaram-se adversários ferrenhos de todas as tendências politeístas e permaneceram monoteístas inabaláveis até hoje. Neste ponto, não há rutura entre o AT e o NT. A tradição monoteísta é continuada. Jesus era judeu, formado por pais judeus nas Escrituras do AT. O seu ensino era judeu até ao âmago; um novo Evangelho, de facto, mas não uma nova teologia. Declarou que veio “*não para destruir a Lei e os Profetas, mas para os cumprir*”, e aceitou como Sua própria crença o grande texto do monoteísmo judaico: “*Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR*”. A Sua proclamação a respeito de Si próprio estava de acordo com as profecias do AT. Ele era o “Messias” do Reino prometido, o “Filho do Homem” da esperança judaica... Se Ele às vezes perguntava “*Quem dizem os homens que eu sou o Filho do Homem?*” Ele não dava nenhuma resposta para além da afirmação implícita do Messianismo” (“*A Critical History of the Evolution of Trinitarianism*”– Uma História Crítica da Evolução do Trinitarismo), 1900, págs. 4, 5).

A força do sentimento judaico sobre o monoteísmo é bem ilustrada pelas seguintes citações:

“A crença de que Deus é composto de várias personalidades, como a crença cristã na Trindade, é um desvio da conceição pura da unidade de Deus. Israel tem rejeitado, ao longo dos tempos, tudo o que manchou ou obscureceu a conceição do monoteísmo puro que deu ao mundo e, em vez de admitir qualquer enfraquecimento, os judeus estão preparados para vaguear, sofrer e morrer” (Rabino J.H. Hertz).

Ezra D. Gifford, em “*The True God, the True Christ, and the True Holy Spirit*” (O Verdadeiro Deus, o Verdadeiro Cristo e o Verdadeiro Espírito Santo), diz: “Os próprios judeus se ressentem sinceramente da insinuação de que suas Escrituras contêm qualquer prova, ou qualquer insinuação da doutrina da Trindade ortodoxa, e Jesus e os judeus nunca divergiram sobre este assunto, ambos sustentando que Deus é um só, e que esta é a maior verdade revelada ao homem”.

Se examinarmos os ensinamentos de Jesus registados em Mateus, Marcos e Lucas, recordando que estes documentos representam o entendimento da igreja apostólica nos anos 60-80 d.C., não encontraremos

qualquer indício de que Jesus acreditava ser um ser incriado que existia desde a eternidade. Mateus e Lucas atribuem a origem de Jesus a um ato especial de criação de Deus, quando a concepção do Messias teve lugar no ventre de Maria. Foi este acontecimento milagroso que marcou o início—a gênese, ou origem—de Jesus de Nazaré (*Mateus 1:18, 20*). Nada é dito sobre uma “Filiação eterna” [2], o que implica que Jesus já estava vivo como Filho antes da sua concepção. Essa ideia foi introduzida nos círculos cristãos depois que os documentos do NT foram concluídos. Não pertence ao mundo do pensamento dos escritores bíblicos.

Quem disse que o Messias era Deus?

A maioria dos leitores das Escrituras aborda os registos divinos com um conjunto de pressupostos bem estabelecidos. Não têm consciência do facto de que muito do que entendem sobre Jesus deriva de sistemas teológicos concebidos por escritores fora da Bíblia. Desta forma, aceitam prontamente uma grande dose de tradição, ao mesmo tempo que afirmam e acreditam que a Bíblia é a sua única autoridade. [3]

A questão crucial a que temos de responder é a seguinte: Com que base é que Jesus e a igreja primitiva afirmaram que Jesus era de facto o Messias prometido? A resposta é clara. A resposta é clara: foi afirmando que ele cumpria na perfeição o papel que o AT tinha predito a seu respeito. Tinha de ser demonstrado que ele se enquadrava nas “especificações” estabelecidas para o Messias na profecia hebraica. Mateus, em particular, deleita-se a citar o AT tal como se cumpriu nos factos da vida e experiência de Jesus (*Mateus 1:23; 2:6, 15*, etc.). Mas Marcos, Lucas, João e Pedro (nos primeiros capítulos dos Atos) insistem igualmente que Jesus se encaixa exatamente na descrição do Messias do AT. Paulo passou grande parte do seu ministério a demonstrar, com base nas Escrituras Hebraicas, que Jesus era o Cristo prometido (*Atos 28:23*). A não ser que a identidade de Jesus pudesse ser comparada com a descrição que o AT faz dele, não haveria nenhuma boa razão para acreditar que a sua reivindicação de Messias era verdadeira!

É essencial perguntar, portanto, se o AT sugere em algum lugar que o Messias seria “Deus igual”, um segundo ser incriado que abandona uma existência eterna no céu para se tornar homem. Se não diz nada disso (e lembrando que o AT se preocupa até com pormenores minuciosos sobre a vinda do Messias), teremos de tratar como suspeitas as afirmações de quem quer que diga que Jesus é simultaneamente Messias e uma segunda Pessoa eterna e incriada da Divindade, reivindicando o título de “Deus” no sentido pleno.

Que retrato do Messias é traçado pelas Escrituras hebraicas? Quando os cristãos do NT procuram fundamentar a reivindicação de Jesus como Messias, gostam muito de citar *Deuterónimo 18*:

“Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar” (Deuterónimo 18:18).

Tanto Pedro (*Atos 3:22*) como Estêvão (*Atos 7:37*) usaram este texto primário para mostrar que Jesus era “o profeta prometido” (*João 6:14*), cuja origem seria origem numa família israelita e cuja função seria semelhante à de semelhante à de Moisés. Em Jesus, Deus tinha suscitado o Messias, o porta-voz divino porta-voz divino há muito prometido, o Salvador de Israel e do e do mundo. Nas palavras de Pedro:

“Tendo Deus ressuscitado o seu Servo, enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades” (Atos 3:26).

Outros textos messiânicos clássicos prometem que “Porque um menino nos nasceu [a Israel]” (*Isaías 9:6*), a “seu descendente [da mulher]” (*Génese 3:15*), um descendente de Abraão (*Gálatas 3:16*), e um descendente da casa real de David (*2 Samuel 7:14-16; Isaías 11:1*). Ele seria um governante nascido em

Belém (*Mateus 2:6; Miqueias 5:2*). Dos seus vários títulos, um seria “deus poderoso” e outro, “pai eterno” (*Isaías 9:6*). É este único texto de *Isaías 9:6* que pode parecer colocar o Messias numa categoria de seres incriados, o que provocaria, naturalmente, uma crise no monoteísmo. No entanto, o leitor sensível da Escritura estará consciente de que não se deve permitir que um único texto derrube a insistência do AT de que apenas uma Pessoa é verdadeiramente Deus. Não se deve esquecer que os oráculos sagrados foram confiados aos judeus, nenhum dos quais pensava que um título divino dado ao Rei messiânico significava que ele era membro de uma divindade eterna, agora composta súbita e misteriosamente por duas Pessoas, em contradição com tudo o que a herança de Israel tinha representado. O “deus poderoso” de *Isaías 9:6* é definido pelo principal léxico hebraico como “herói divino, refletindo a majestade divina”. A mesma autoridade regista que a palavra “deus” usada por Isaías é aplicada noutras partes das Escrituras a “homens de poder e de categoria”, bem como a anjos. Quanto a “pai eterno, esse título era entendido pelos judeus como “pai da era vindoura”. [4] Era amplamente reconhecido que uma figura humana poderia ser “pai dos habitantes de Judá e Jerusalém” (*Isaías 22:21*).

No *Salmo 45*, o rei messiânico “ideal” é tratado como “deus”, mas não há necessidade de assumir que o monoteísmo judaico tenha sido comprometido. A palavra (neste caso “*elohim*”) era aplicada não só ao Deus único, mas “a representantes divinos em lugares sagrados ou como refletindo a majestade e o poder divinos” (“*Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*”—Léxico Hebraico e Inglês do Antigo Testamento - de Brown, Driver e Briggs, págs. 42, 43). O Salmista, e o escritor aos Hebreus que o citou (*Hebreus 1:8*) estavam conscientes do seu uso especializado da palavra “deus” para descrever o Rei Messiânico e rapidamente acrescentaram que o Deus do Messias lhe tinha concedido os seus privilégios reais (*Salmos 45:7*).

Mesmo o texto frequentemente citado em *Miqueias 5:2* sobre as origens do Messias não necessita de qualquer tipo de preexistência literal e eterna. No mesmo livro, uma expressão semelhante data as promessas feitas a Jacob de “dias antigos” (*Miqueias 7:20*). [5] Certamente que as promessas do Messias tinham sido feitas num momento inicial da história do homem (*Génesis 3:15*; cp. *Génesis 49:10*; *Números 24:17-19*).

Abordando a questão da messianidade de Jesus como ele e os apóstolos o fazem, não encontramos nada nas predições do AT sobre o Cristo que sugira que um ser eterno e imortal se tornaria humano como o prometido Rei de Israel. Esse Rei deveria nascer em Israel, um descendente de Davi, e concebido por uma virgem (*2 Samuel 7:13-16; Isaías 7:14; Mateus 1:23*). E assim, durante o reinado do imperador Augusto, o Messias entrou em cena.

O Filho de Deus

A fonte de grande parte da confusão de longa data sobre a identidade de Jesus é a suposição, tirada de anos de pensamento tradicional, de que o título “Filho de Deus” deve significar, nas Escrituras, um ser incriado, o membro de uma divindade eterna. Essa noção não pode ser atribuída às Escrituras. É um testemunho do poder da doutrinação teológica o facto de esta que esta ideia persista tão teimosamente. Na Bíblia, “Filho de Deus” é um título alternativo e virtualmente sinónimo do Messias. Assim João dedica todo o seu evangelho a um tema dominante, que que acreditemos e compreendamos “*que Jesus é o Cristo [Messias], o Filho de Deus*” (*João 20:31*). A base para a equiparação destes títulos encontra-se numa passagem favorita do Antigo Testamento, no *Salmo 2*:

“As potestades conspiram juntas contra o Senhor e contra o seu Messias” que Ele instalou como Rei em Jerusalém (*versículo 6*), e de quem diz: “*Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão*” (*versículos 7, 8*). Jesus não hesita em aplicar todo o Salmo a si mesmo e vê nele uma predição do futuro governo dele e de seus seguidores sobre as nações. (*Apocalipse 2:26, 27*). [6]

Pedro faz a mesma equiparação entre Messias e Filho de Deus, quando, por revelação divina, afirma a sua crença em Jesus:

“*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (*Mateus 16:16*).

O sumo sacerdote pergunta a Jesus:

“*És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?*” (*Marcos 14:61*).

Natanael compreende que o Filho de Deus não é outro senão o Rei de Israel (*João 1:49*), o Messias (*versículo 41*), “*aquele de quem Moisés escreveu na Lei e também os Profetas*” (*versículo 45*; comparar. *Deuterónimo 18:15-18*).

O título “Filho de Deus” é aplicado também na Escritura aos anjos (*Jó 1:6; 2:1; 38:7; Gênesis 6:2, 4; Salmos 29:1; 89:6; Daniel 3:25*), a Adão (*Lucas 3:38*), à nação de Israel (*Êxodo 4:22*), aos reis de Israel como representantes de Deus, e no NT aos cristãos (*João 1:12*). Procuraríamos em vão encontrar qualquer aplicação deste título a um ser incriado, um membro da Divindade eterna. Esta ideia está simplesmente ausente da ideia bíblica da Filiação divina.

Lucas sabe muito bem que a filiação divina de Jesus deriva de sua conceição no ventre de uma virgem; ele não sabe absolutamente nada sobre qualquer origem eterna: “*Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus*” (*Lucas 1:35*). O salmista atribuiu a filiação do Messias a um momento definido de tempo – “hoje” (*Salmo 2:7*). O Messias foi gerado por volta de 3 AC (*Mateus 1:20; Lucas 1:35*). Sua geração está, portanto, relacionada ao seu aparecimento na história (*Atos 13:33*, não KJV), quando Deus se tornou seu Pai (*Hebreus 1:5; 1 João 5:18*, não KJV).

Aqui, claramente apresentadas pelas Escrituras que Jesus reconheceu como a Palavra de Deus, estão as ideias bíblicas da filiação de Jesus. Deve ser datado da conceição de Jesus, sua ressurreição ou de sua nomeação para o reinado. A visão de Lucas sobre a filiação concorda exatamente com a esperança do nascimento do Messias da mulher, descendente de Adão, Abraão e Davi (*Mateus 1:1; Lucas 3:38*). Os textos que examinamos não contêm nenhuma informação sobre uma preexistência pessoal do Filho na eternidade.

O Filho do Homem, o Senhor à direita de Deus

O título “Filho do Homem” foi frequentemente usado por Jesus para se referir a si mesmo. Como “Filho de Deus”, está intimamente associado ao messianismo; tanto que, quando Jesus afirma solenemente que é o Messias, o Filho de Deus, acrescenta no mesmo fôlego que o sumo sacerdote verá “*o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu*” (*Marcos 14:61, 62*). O título “Filho do Homem” é descrito de forma mais completa em *Daniel 7:13, 14*, onde uma figura humana (um “Filho do Homem”) recebe do Pai o direito de dominar o mundo. O paralelo com o Salmo 2 é óbvio, bem como a estreita ligação com o *Salmo 110*, onde Davi se refere ao seu “senhor” (o Messias) que se sentará à direita

do Senhor (o Pai) até que ele assuma seu cargo como governador mundial e “*Domina entre os teus inimigos*” (*Salmos 110:2*; comparar. *Mateus 22:42-45*). O Filho do Homem tem uma conexão messiânica igualmente clara no *Salmo 80:17*: “*Seja a tua mão sobre o povo da tua destra, sobre o filho do homem que fortaleceste para ti*”.

É significativo que os escritores do NT deem maior ênfase ao *Salmo 110*, citando-o cerca de 23 vezes e aplicando-o a Jesus, que naquela época havia sido exaltado como Senhor messiânico à imortalidade à direita do Pai, assim como o salmista havia feito. previsto. Mais uma vez, devemos reconhecer que a filiação eterna é estranha a todos os títulos descritivos do Messias. Este fato surpreendente deve levar os estudantes da Bíblia em todos os lugares a comparar o que aprenderam sobre Jesus com o Jesus apresentado pelas Escrituras. Parece que um Filho eterno não corresponderá ao relato da Bíblia sobre o Messias. Ao optar por um Jesus que é um ser eterno passando por uma vida temporária na terra, muitos parecem, por assim dizer, ter “pegado o homem errado”.

Jesus afirmou NÃO ser Deus

No Evangelho de João, a identidade de Jesus é um tema principal. João escreveu, como ele nos diz, com um propósito principal: convencer seus leitores de que Jesus é “*o Messias, o Filho de Deus*” (*20:31*). Segundo João, Jesus distinguiu-se cuidadosamente do Pai que é “*o único Deus verdadeiro*” (*17:3*; comparar. *5:44*; *6:27*). Se quisermos encontrar no registro de João uma prova de que Jesus é “coigual” a Deus, no sentido trinitário, estaríamos descobrindo algo que João não pretendia e, em vista de sua herança judaica, não teria entendido! Alternativamente, teríamos que admitir que João apresenta uma nova imagem da messianidade que contradiz o AT e derruba a própria insistência de João (e de Jesus) de que somente o Pai é verdadeiramente Deus (*João 5:44*; *17:3*). Tal flagrante Auto contradição dificilmente é provável. [7]

Já é hora de permitirmos que Jesus esclareça as coisas. Nos relatos de Mateus, Marcos e Lucas, somos informados de que Jesus explicitamente subscreveu o estrito monoteísmo do AT (*Marcos 12:28-34*). Ele, portanto, de acordo com João, confundiu a questão ao afirmar que afinal era Deus? A resposta é dada claramente em *João 10:34-36*, onde Jesus definiu seu status em termos de representantes humanos de Deus no AT. Jesus deu este relato de si mesmo para explicar o que significa ser “*Eu e o Pai somos um*” (*10:30*). É uma unidade de função pela qual o Filho representa perfeitamente o Pai. Esse é exatamente o ideal de filiação do AT, que havia sido imperfeitamente realizado nos governantes de Israel, mas encontraria cumprimento perfeito no Messias, o Rei escolhido de Deus.

O argumento em *João 10:29-38* é o seguinte: Jesus começou afirmando que ele e o Pai eram “um”. Foi uma unidade de comunhão e função que em outra ocasião ele desejou também para o relacionamento de seus discípulos com ele e o Pai (*João 17:11, 22*). Os judeus entenderam que ele estava reivindicando igualdade com Deus. Isso deu a Jesus uma oportunidade de se explicar. O que ele estava realmente reivindicando, segundo ele, era ser “Filho de Deus” (*versículo 36*), um sinônimo reconhecido para Messias. A alegação de filiação não era irracional, argumentou Jesus, em vista do fato bem conhecido de que mesmo representantes imperfeitos de Deus haviam sido chamados por Ele no AT como “deuses” (*Salmos 82:6*). Longe de estabelecer qualquer reivindicação de filiação eterna, ele comparou seu ofício e função aos dos juízes. Ele se considerava o representante de Deus por excelência, uma vez que era unicamente o Filho de Deus, o único Messias, concebido sobrenaturalmente, e o objeto de todas as profecias do AT. Não há absolutamente nada, no entanto, no relato de Jesus sobre si mesmo que interfira com o monoteísmo do AT ou requeira uma reescrita do texto sagrado em *Deuteronômio 6:4*. A Auto compreensão de Jesus está

estritamente dentro dos limites estabelecidos pela revelação autorizada de Deus nas Escrituras. Caso contrário, sua afirmação de ser o Messias teria sido inválida. As Escrituras teriam sido quebradas.

Língua Judaica De João

Uma vez que Jesus negou expressamente que era Deus em *João 10:34-36*, seria muito imprudente pensar que ele se contradisse em outro lugar. O Evangelho de João deve ser examinado com certos princípios axiomáticos firmemente em mente. Jesus é distinto do “*único Deus verdadeiro*” (*João 17:3*). Somente o Pai é Deus (*João 5:44*). João deseja que seus leitores entendam que tudo o que ele escreve contribui para a grande verdade de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus (*João 20:31*). O próprio Jesus diz, como vimos, que o termo “deus” pode ser usado para um ser humano representando Deus, mas certamente não implica em “Divindade coigual”. A própria auto designação de Jesus é claramente “*Filho de Deus*” (*João 10:36*). Em *João 10:24, 25*, Jesus lhes disse “claramente” que ele era o Messias, mas eles não acreditaram nele.

Jesus afirma frequentemente que foi “enviado por Deus”. O que o leitor médio ouve nessa frase não é de forma alguma o que João sugere. João Batista também foi “enviado por Deus”, o que não significa que ele tenha preexistido ao seu nascimento (*João 1:6*). Os profetas em geral são “enviados” por Deus (*Juizes 6:8; Miqueias 6:4*), e os próprios discípulos devem ser “enviados” como Jesus foi “enviado” (*João 17:18*). “Descer do céu” não precisa significar descendência de uma vida anterior mais do que a “carne de Jesus, que é o pão que desceu do céu”, literalmente desceu do céu (*João 6:50, 51*). Nicodemos reconheceu que Jesus tinha “*vindo de Deus*” (*João 3:2*), mas não o considerava preexistente. Nem o povo judeu, quando falava do profeta “*que havia de vir ao mundo*” (*João 6:14; comparar. Deuteronômio 18:15-18*), queria dizer que ele estava vivo antes de seu nascimento. Tiago pode dizer que “*Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes*” (*Tiago 1:17*). “Descendo do céu” é a maneira gráfica de Jesus e dos judeus descreverem a origem divina, que certamente pertencia a Jesus por meio do nascimento virginal.

As declarações de “preexistência” em João (*João 3:13 [8]; 6:62*) estão relacionadas com o Filho do Homem, que significa ser humano. O máximo que pode ser provado desses versículos é que Jesus era um ser humano que viveu no céu antes de nascer na terra! Este tipo de explicação é desnecessário, no entanto, uma vez que se nota que 600 anos antes Daniel tinha visto o Filho do Homem em visão sentado à direita do Pai, uma posição que o NT diz que Jesus ganhou por ressurreição e ascensão. Como Messias, Jesus se via no papel daquele que mais tarde seria exaltado ao céu, visto que este, segundo a visão inspirada de Daniel, era o destino do Messias antes de sua segunda vinda em glória. Jesus realmente “preexiste” seu futuro retorno à terra. Tudo isso havia sido visto com antecedência por Daniel antes do nascimento do Messias. Assim, Jesus esperava ascender à direita do Pai, onde havia sido visto antes em visão como um ser humano exaltado – Filho do Homem (*João 6:62*). Dizer que Jesus estava realmente no trono do Pai no céu como um ser humano antes de seu nascimento em Belém é entender mal João e Daniel. Jesus teve que nascer antes que qualquer coisa predita sobre ele no AT pudesse acontecer!

Glória Diante De Abraão

Jesus encontrou sua própria história escrita nas Escrituras Hebraicas (*Lucas 24:27*). O papel do Messias foi claramente delineado ali. Nada no registro divino sugeria que o monoteísmo AT seria radicalmente perturbado pelo aparecimento do Messias. Uma massa de evidências apoiará a proposição de que os

apóstolos nunca por um momento questionaram a absoluta unicidade de Deus, ou que o aparecimento de Jesus criou qualquer problema teórico sobre o monoteísmo. É, portanto, destrutivo da unidade da Bíblia sugerir que em um ou dois textos em João, Jesus derrubou sua própria declaração de credo de que o Pai era “o único Deus verdadeiro” (*João 17:3*), ou que ele se levou muito longe, fora da categoria de ser humano ao falar de uma existência consciente desde a eternidade. Certamente sua oração pela glória que ele tinha antes do mundo começar (*João 17:5*) pode ser facilmente entendida como o desejo pela glória que havia sido preparada para ele no plano do Pai. A glória que Jesus pretendia para os discípulos também havia sido “dada” (*João 17:22, 24*), mas eles ainda não a haviam recebido. [9]

Era típico do pensamento judaico que qualquer coisa de suprema importância no propósito de Deus – Moisés, a Lei, o arrependimento, o Reino de Deus e o Messias – havia “existido” com Deus desde a eternidade. Nesse sentido, João pode falar da crucificação tendo “acontecido” antes da fundação do mundo (*Apocalipse 13:8*, KJV). Pedro, escrevendo no final do primeiro século, ainda conhece a “pré-existência” de Jesus apenas como uma existência na consciência de Deus (*1 Pedro 1:20*). Seus sermões nos primeiros capítulos de Atos refletem exatamente a mesma visão.

Mas e o texto de prova favorito em *João 8:58* de que Jesus existiu antes de Abraão? Afinal, Jesus confunde tudo ao dizer, por um lado, que somente o Pai é o “único Deus verdadeiro” (*João 17:3, 5:44*) – e que ele mesmo não é Deus, mas o Filho de Deus (*João 10:36*) – e por outro lado que ele, Jesus, também é um ser incriado? Ele define seu status dentro das categorias reconhecíveis do AT (*João 10:36; Salmos 82:6; 2:7*) apenas para apresentar um enigma insolúvel ao dizer que ele estava vivo antes do nascimento de Abraão? O problema trinitário, que nunca foi resolvido satisfatoriamente, deve ser levantado por causa de um único texto em João? Não seria mais sensato ler *João 8:58* à luz da declaração posterior de Jesus em *João 10:36* e no restante das Escrituras?

Na atmosfera completamente judaica que permeia o Evangelho de João, é mais natural pensar que Jesus falou em termos que eram comuns entre aqueles treinados na tradição rabínica. Em um contexto judaico, afirmar “pré-existência” não significa que alguém está afirmando ser um ser incriado! Isso, no entanto, implica que a pessoa tem um significado absoluto no plano divino. Jesus é certamente a razão central da criação. Mas a atividade criadora do único Deus e seu plano de salvação não se manifestaram em um único ser criado, o Filho, até o nascimento de Jesus. A pessoa de Jesus se originou quando a autoexpressão de Deus tomou forma em um ser humano (*João 1:14*). [10]

É um fato bem conhecido que as conversas entre Jesus e os judeus muitas vezes eram de propósitos opostos. Em *João 8:57*, Jesus não havia de fato dito, como os judeus pareciam pensar, que ele havia visto Abraão, mas que Abraão se alegrara em ver o dia do Messias (*versículo 56*). O patriarca esperava surgir na ressurreição no último dia (*João 11:24; Mateus 8:11*) e participar do Reino Messiânico. Jesus estava afirmando superioridade a Abraão, mas em que sentido?

Como o “Cordeiro de Deus” ele havia sido o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (*Apocalipse 13:8*, KJV; *1 Pedro 1:20*) – não, é claro, literalmente, mas no plano de Deus. Desta forma também Jesus “era” antes de Abraão. Assim, Abraão podia esperar a vinda do Messias e seu Reino. O Messias e o Reino, portanto, “preexistiam” no sentido de que foram “vistos” por Abraão com os olhos da fé. [11]

A expressão “EU SOU” em *João 8:58* positivamente não significa “eu sou Deus”. Não é, como tantas vezes alegado, o nome divino de *Êxodo 3:14*, onde o Senhor declarou: “Eu sou o auto existente” (*ego eimi*

o *ohn*). Jesus em nenhum lugar reivindicou esse título. A tradução adequada de “*ego eimi*” em *João 8:58* é “eu sou ele”, ou seja, o Cristo prometido (comparar. a mesma expressão em *João 4:26*, “*Eu o sou* [o Cristo], *eu que falo contigo*”). [12] Antes de Abraão nascer, Jesus havia sido “previamente conhecido” (comparar. *1 Pedro 1:20*). Jesus aqui faz a afirmação estupenda de significado absoluto no propósito de Deus.

O “Logos” Em *João 1:1*

Não há nenhuma razão, além da força do hábito, para entender que a “palavra” em *João 1:1* significa uma segunda pessoa divina, *antes do nascimento de Jesus*. [13] Uma personificação semelhante da sabedoria em *Provérbios 8:22, 30* e *Lucas 11:49* não significa que “ela” é uma segunda pessoa. Não há como acomodar uma “segunda Pessoa divina” na Divindade revelada como João e Jesus a entenderem. O Pai permanece, como sempre foi, “o único Deus verdadeiro” (*João 17:3*), “o único Deus” (*João 5:44*). Lendo o termo “logos” (“palavra”) de uma perspectiva AT, entenderemos que é a atividade de Deus na criação, Seu poderoso comando vivificante pelo qual todas as coisas vieram à existência (*Salmos 33:6-12*). A palavra de Deus é o poder pelo qual Seus propósitos são promovidos (*Isaías 55:11*). Se tomarmos emprestado de outra parte do NT, equipararemos a palavra com a mensagem criativa da salvação, o evangelho. Este é o significado em todo o NT (*Mateus 13:19; Gálatas 6:6*, etc.).

É esse complexo de ideias que constitui o significado de logos, a “palavra”. “*Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez*” (*João 1:3*). Em *João 1:14* a palavra se materializa em um ser humano real tendo origem divina em sua concepção sobrenatural. [14] A partir deste momento, na “*plenitude do tempo*” (*Gálatas 4:4*), o único Deus se expressa em uma nova criação, a contraparte da criação original em Adão. A concepção e o nascimento de Jesus marcam uma nova fase sem precedentes do propósito de Deus na história. Como o segundo Adão, Jesus prepara o cenário para todo o programa de salvação. Ele abre o caminho para a imortalidade. Nele, o propósito de Deus é finalmente revelado em um ser humano (*Hebreus 1:1*).

Tudo isso não significa, porém, que Jesus tenha desistido de uma vida por outra. Isso perturbaria seriamente o paralelo com Adão, que também era “*Filho de Deus*” por criação direta (*Lucas 3:38*). Também interferiria com o puro monoteísmo revelado nas Escrituras, que “*não pode falhar*” (*João 10:35*). Em vez disso, Deus começa a falar conosco no primeiro século d.C., em um novo Filho, Sua última palavra ao mundo (*Hebreus 1:1*). É a noção de um Filho eternamente existente que rompe tão violentamente o esquema bíblico, desafiando o monoteísmo e ameaçando a verdadeira humanidade de Jesus (*1 João 4:2; 2 João 7*).

Esta compreensão de Jesus no Evangelho de João trará João em harmonia com seus companheiros apóstolos e o monoteísmo do AT será preservado intacto. Os fatos da história da igreja mostram que o monoteísmo irrestrito das Escrituras Hebraicas foi logo após o NT abandonado sob a influência de ideias gregas estrangeiras. Ao mesmo tempo, a estrutura predeterminada para a messianidade foi esquecida e, com ela, a realidade do futuro Reino Messiânico. O resultado foram anos de conflito, ainda não resolvido, sobre como uma segunda Pessoa divina já existente poderia ser combinada com um ser totalmente humano em um único indivíduo. O conceito de preexistência literal do Messias é a ideia intrusa, a parte do quebra-cabeça cristológico que não se encaixa. Sem ela, surge uma imagem clara de Jesus nos termos da revelação hebraica e dos ensinamentos dos apóstolos. Deus, o Pai, permanece de fato o único Deus verdadeiro, aquele que sozinho é Deus (*João 17:3; 5:44*) e a unidade de Jesus com seu Pai é encontrada em uma unidade de função realizada por aquele que é verdadeiramente o Filho, como a Bíblia em todos os outros lugares entende esse termo (*João 10:36*). Se o cristianismo deve ser reavivado e unificado, terá de ser baseado na

crença em Jesus, o Messias da Bíblia, intocado pelas especulações enganosas dos gregos, que demonstraram muito pouca simpatia pelo mundo hebraico no qual o cristianismo nasceu.

A “Divindade” de Jesus

Dizer que Jesus não é Deus não é negar que ele é unicamente investido da natureza divina. A divindade é, por assim dizer, “incorporada” a ele em virtude de sua concepção única sob a influência do Espírito Santo, bem como pelo Espírito que habita nele em plena medida (*João 3:34*). Paulo reconhece que “*nele, residisse toda a plenitude*” (*Colossenses 1:19; 2:9*). Ao ver o homem Jesus, vemos a glória de seu Pai (*João 1:14*). Percebemos que o próprio Deus estava “*que Deus estava em Cristo [o Messias] reconciliando consigo o mundo*” (*2 Coríntios 5:19*). O Filho de Deus é, portanto, o pináculo da criação de Deus, a expressão plena do caráter divino em um ser humano. Embora a glória do Pai tenha sido manifestada, em um grau muito menor, em Adão (*Salmos 8:5; compare. Gênesis 1:26*), em Jesus a vontade do Pai é totalmente explicada (*João 1:18, NASB*).

Nada do que Paulo diz sobre Jesus o tira da categoria de ser humano. A presença de Deus que habitava no templo não transformava o templo em Deus! Raramente é observado que um alto grau de “divindade” é atribuído por Paulo também ao cristão [15] que tem o espírito do Messias habitando nele (*Efésios 3:19*). Como “*Deus estava em Cristo*” (*2 Coríntios 5:19*), assim Cristo estava “*em Paulo*” (*Gálatas 2:20*), e ele ora para que os cristãos sejam “*cheios de toda a plenitude de Deus*” (*Efésios 1:23; 3:19*). Pedro fala dos fiéis tendo a “*natureza divina*” (*2 Pedro 1:4*). O que é verdade para o cristão é verdade em um grau muito mais alto para Jesus, que é “o pioneiro” conduzindo outros através do processo de salvação depois de “completar o curso” com sucesso (*Hebreus 2:10*).

Na forma de Deus

Apesar da evidência maciça do NT mostrando que os apóstolos sempre distinguiram Jesus do “*um só Deus, o Pai*” (*1 Coríntios 8:6*), muitos confiam na visão tradicional de Jesus como um segundo ser incriado, totalmente Deus, em *Filipenses 2:5-11*. É um pouco paradoxal que o escritor sobre cristologia no “*Dictionary of the Apostolic Church*” (Dicionário da Igreja Apostólica) possa dizer que “Paulo nunca dá a Cristo o nome ou a descrição de ‘Deus’”, mas, no entanto, encontra em *Filipenses 2* uma descrição da “*pré vida*” eterna de Cristo no céu. [16]

Um estudo recente e muito aclamado sobre a visão bíblica de Jesus – “*Christology in the Making*” (Cristologia em formação), de *James Dunn* – alerta-nos para o perigo de ler nas palavras de Paulo as conclusões de uma geração posterior de teólogos, os “pais” da igreja grega nos séculos que se seguiram à conclusão dos escritos do NT. A tendência para encontrar na Escritura aquilo em que que já acreditamos é natural, uma vez que nenhum de nós pode enfrentar facilmente a possibilidade ameaçadora de que o nosso entendimento “recebido” não coincidir com a Bíblia. (O problema é ainda mais grave se estivermos envolvidos no ensino ou na pregação da Bíblia).

No entanto, não estamos exigindo de Paulo mais do que ele poderia dar, pedindo-lhe que nos apresentasse, em poucas e breves frases, um ser eterno diferente do Pai? Isso obviamente ameaçaria o monoteísmo estrito que ele expressa tão claramente em todos os outros lugares (*1 Coríntios 8:6; Efésios 4:6; 1 Timóteo 2:5*). Também levantaria todo o problema trinitário do qual Paulo, brilhante teólogo como era, não tem consciência.

Olhando novamente para *Filipenses 2*, devemos perguntar se Paulo nesses versículos realmente fez o que seria sua única alusão ao fato de Jesus ter estado vivo antes de seu nascimento. O contexto de suas observações o mostra exortando os santos a serem humildes. Muitas vezes foi perguntado se é provável que ele aplicasse essa lição pedindo a seus leitores que adotassem o estado de espírito de alguém que, tendo sido eternamente Deus, tomou a decisão de se tornar homem. Também pode ser estranho para Paulo referir-se ao Jesus preexistente como Jesus, o Messias, lendo assim na eternidade o nome e o ofício que recebeu ao nascer.

Paulo pode ser prontamente entendido em *Filipenses 2* em termos de um tema favorito: a cristologia de Adão. Foi Adão quem estava na imagem de Deus como filho de Deus (*Gênesis 1:26; Lucas 3:38*), enquanto Jesus, o segundo Adão (*1 Coríntios 15:45*) também estava na forma de Deus (as duas palavras “imagem” e “forma” podem ser trocadas). [17] No entanto, enquanto Adão, sob a influência de Satanás, agarrou-se à igualdade com Deus (“*como Deus, sereis*” *Gênesis 3:5*), Jesus não. Embora ele tivesse todo o direito ao ofício divino, uma vez que era o Messias refletindo a Presença divina, ele não considerava a igualdade com Deus algo a ser “agarrado”. Em vez disso, ele desistiu de todos os privilégios, recusando a oferta de poder de Satanás sobre os reinos do mundo (*Mateus 4:8-10*), e se comportou ao longo de sua vida como um servo, até o ponto de ir para a morte de um criminoso na cruz.

Em resposta a esta vida de humildade, Deus agora exaltou Jesus ao status de Senhor messiânico à direita do Pai, como o *Salmo 110* predisse. Paulo não diz que Jesus estava recuperando uma posição da qual havia desistido temporariamente. Ele parece ter conquistado seu cargo exaltado pela primeira vez após sua ressurreição. Embora ele tivesse sido o Messias durante toda a sua vida, sua posição foi confirmada publicamente quando ele foi feito “*Senhor e Cristo*” ao ser ressuscitado dentre os mortos (*Atos 2:36; Romanos 1:4*). Se lermos o relato de Paulo sobre a vida de Jesus dessa maneira como uma descrição da contínua abnegação do Senhor, um paralelo próximo será visto com outro de seus comentários sobre a carreira de Jesus. “*sendo rico, se fez pobre por amor de vós*” (*2 Coríntios 8:9*). Enquanto Adão havia caído, Jesus voluntariamente “desceu”.

A leitura tradicional da passagem de *Filipenses 2* depende quase inteiramente da compreensão da condição de Jesus “na forma de Deus” como uma referência a uma vida preexistente no céu. As traduções têm feito muito para reforçar essa visão. O verbo “estava” na frase “estava na forma de Deus” ocorre com frequência no NT e de forma alguma carrega o sentido de “existir na eternidade”, embora algumas versões tentem impor esse significado. Em *1 Coríntios 11:7*, Paulo diz que o homem não deve cobrir a cabeça, pois ele é a imagem e a glória de Deus. O verbo aqui não é diferente do “era” que descreve Jesus como na forma de Deus. Se o homem comum está na glória e imagem de Deus, quanto mais Jesus, que é o perfeito representante humano de Deus em quem habitam todos os atributos da natureza divina (*Colossenses 2:9*). A intenção de Paulo em *Filipenses 2* não é introduzir o vasto assunto de um ser divino eterno que se tornou homem, mas ensinar uma lição simples de humildade. Devemos ter a mesma atitude de Jesus, pensar como ele. Não estamos sendo solicitados a nos imaginar como seres divinos eternos prestes a renunciar à Divindade para vir à Terra como homens.

Não é amplamente conhecido que muitos têm sérias reservas quanto à leitura de *Filipenses 2* como uma declaração sobre a preexistência. Um ex-Professor Regius de Divindade escreveu em 1923: “Paulo está implorando aos filipenses que parem de dissensões e ajam com humildade uns para com os outros. Em *2 Coríntios 8:9* ele está exortando seus leitores a serem generosos na esmola. Pergunta-se se seria bastante natural para ele impor essas duas simples lições de moral por meio de referências incidentais (e a única

referência que ele faz) ao vasto problema do modo de encarnação. E muitos pensam que seus apelos domésticos teriam mais efeito se ele apontasse para o exemplo inspirador da humildade e autossacrifício de Cristo em sua vida humana, como em *2 Coríntios 10:1* vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo” O autor desses comentários, *A.H. McNeile*, sugere a seguinte paráfrase: “Embora Jesus tenha sido divino durante toda a sua vida, ele não considerou um privilégio ser mantido a todo custo para ser tratado como igual. com Deus, mas por sua própria vontade esvaziou-se (de toda autoafirmação ou honra divina) adotando a natureza de um escravo”. [18]

Paulo está apontando para o fato de que Jesus apareceu no cenário humano como qualquer outro homem (“semelhante aos homens”). Sua vida, vista como um todo, foi um processo contínuo de auto-humilhação, culminando em sua morte na cruz. O segundo Adão, ao contrário do primeiro, submete-se inteiramente à vontade de Deus e, em consequência, recebe a mais alta exaltação.

Cabeça da Nova Criação

O paralelo entre Adão e Jesus forma a base do pensamento de Paulo sobre o Messias. Cristo mantém a mesma relação com a nova criação, a igreja, como Adão com a criação iniciada em Gênesis. A partir de Jesus, a humanidade faz um novo começo. Em Jesus como homem representativo, o novo Adão, a sociedade recomeça. Esta correspondência é seriamente perturbada se Jesus, afinal, não se originou como homem. Como Adão é criado um “Filho de Deus” (*Lucas 3:38*), a concepção de Jesus o constitui “Filho de Deus” (*Lucas 1:35*). Certamente Adão é da terra (*1 Coríntios 15:47*), enquanto Jesus é o “homem do céu”, não, de acordo com Paulo, vindo do céu em seu nascimento, mas em sua segunda vinda para ressuscitar os fiéis mortos (*1 Coríntios 15:45*). Neste ponto, vemos a falha nas ideias tradicionais sobre a preexistência. O movimento de Cristo do céu para a terra centra-se na mente de Paulo na Parousia (segunda vinda). No pensamento posterior, o centro de interesse foi transferido para seu nascimento. Assim, curiosamente, o esquema tradicional olha para trás na história, enquanto a Bíblia nos orienta principalmente para o futuro do Messias vindo em glória.

É como cabeça da nova criação e o centro do propósito cósmico de Deus que Paulo descreve Jesus em Colossenses 1. Sua intenção é mostrar a posição suprema que Jesus conquistou por meio da ressurreição e sua preeminência na nova ordem, contra as reivindicações de sistemas rivais de religião pelos quais os Colossenses estavam sendo ameaçados. Todas as autoridades foram criadas “em Cristo” (*Colossenses 1:16*). Então Jesus também afirmou: “Todo o poder no céu e na terra é meu” (*Mateus 28:18*). “Todas as coisas” aqui significa para Paulo a criação inteligente e animada que consiste em “tronos, domínio, governantes ou autoridades”, que foram criados “em Cristo”, “através de Cristo” (não “por”) e “para Cristo”. É o seu Reino que Paulo tem em mente (*Colossenses 1:13*). Jesus é o primogênito de toda criatura, assim como o primogênito dentre os mortos (*versículos 15, 18*). [19] O termo “primogênito” designa-o como o principal membro da nova ordem criada, bem como sua fonte, uma posição que ele alcançou por ser o primeiro a receber a imortalidade por meio da ressurreição. João, em *Apocalipse 3:14*, também chama Jesus de “o princípio da criação de Deus”, o que naturalmente significa que ele mesmo fez parte da criação. Que o “primogênito” designa na Bíblia aquele que detém o cargo supremo pode ser mostrado no Salmo 89:27, onde o “primogênito”, o Messias, é o “maior dos reis da terra”, um escolhido *do povo* como David e exaltado (*Salmos 89:19*). Novamente Paulo desenvolveu os conceitos messiânicos já bem estabelecidos pelas Escrituras hebraicas.

Em nenhuma das declarações de Paulo somos compelidos a encontrar um “segundo e eterno ser divino”. Ele nos apresenta antes com o segundo Adão glorificado, agora elevado ao ofício divino para o qual o homem foi originalmente criado (*Gênesis 1:26; Salmos 8*). Jesus agora representa a raça humana como o Cabeça da nova ordem da humanidade. Ele intercede por nós como Sumo Sacerdote supremo no templo celestial (*Hebreus 8:1*). Ao atribuir tais títulos elevados ao Senhor ressuscitado, não há razão para pensar que Paulo tenha infringido seu próprio monoteísmo claro expresso em *1 Coríntios 8:6*: “*para nós [cristãos] há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo*” Nada em *Colossenses 1* nos obriga a acreditar que Paulo, sem aviso prévio, se separou de Mateus, Marcos, Lucas, Pedro e João, e se desviou do monoteísmo absoluto que ele afirma tão cuidadosa e claramente em outro lugar (*1 Timóteo 2:5; Efésios 4:6*), e que estava profundamente enraizado em toda a sua formação teológica.

“A Futura Terra Habitada De Que Falamos”

O escritor aos Hebreus dá ênfase particular à humanidade de Jesus. Ele foi tentado em todos os pontos como nós, mas não pecou (*Hebreus 4:15*). Deus originalmente fez as eras por meio (não “pelo”) do Filho, com seu destino como Messias em vista (*Hebreus 1:2*). Depois de se comunicar conosco de maneiras diferentes e em momentos diferentes por meio de porta-vozes no passado, Deus agora finalmente falou conosco naquele que é verdadeiramente Filho (*Hebreus 1:2*). O escritor não pretende nos dizer (o que Jesus não sabia, *Marcos 10:6*) que Jesus foi o agente ativo na criação de Gênesis. Foi Deus quem descansou no sétimo dia, depois de terminar sua obra (*Hebreus 4:4, 10*). [20] É Deus, também, quem ainda introduzirá o Filho na “terra habitável do futuro”: “*Quando Ele trouxer novamente o Filho ao mundo*” (*Hebreus 1:6, NASB*). [21]

Quando o Messias for reintroduzido na terra, várias declarações importantes sobre ele se tornarão história. Primeiramente, o trono do Messias será estabelecido (*Hebreus 1:8*). (Compare, “*quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória*” *Mateus 25:31*) [22] Como representando a majestade divina do Pai, o título messiânico “deus” será aplicada a Jesus, como outrora aos juízes de Israel que prenunciavam o Juiz supremo de Israel, o Messias (*Salmos 82:6*). Outra profecia do *Salmo 102:25* também será realizada no vindouro reino do Messias. Os fundamentos de uma nova terra e um novo céu serão lançados como *Isaías 51:16* e *65:17* preveem. *Hebreus 1:10* pode facilmente ser mal interpretado como significando que o Senhor Messias foi o responsável pela criação em Gênesis. No entanto, isso ignora a citação do autor da LXX do *Salmo 102* completamente messiânico. Além disso, ele afirma especificamente que sua série de verdades sobre o Filho se refere ao tempo em que ele é “trazido de novo” à terra (*Hebreus 1:6*). E em *Hebreus 2:5* ele nos diz mais uma vez que é a “terra habitada do futuro” da qual ele está falando no capítulo um. O escritor deve ter permissão para fornecer seu próprio comentário. Sua preocupação é com o Reino Messiânico, não com a criação em Gênesis. Como não compartilhamos a visão messiânica do NT como deveríamos, nossa tendência é olhar para trás em vez de olhar para frente. Devemos nos sintonizar com a perspectiva completamente messiânica de toda a Bíblia. [23]

O Pano De Fundo Hebraico Para O Novo Testamento

Será útil, a título de resumo e para nos orientarmos no mundo do pensamento dos autores do NT, expor as principais passagens das Escrituras hebraicas das quais derivaram sua compreensão unificada da pessoa

de Cristo. Em nenhum lugar pode ser demonstrado que o Messias seria um ser incriado, um fato que deveria nos levar a procurar fora da Bíblia a fonte de tal conceito revolucionário.

O propósito original do homem, feito à imagem e glória de Deus, era exercer domínio sobre a terra (*Gênesis 1:26; Salmos 8*). Esse ideal nunca se perde além de nossa recuperação, pois o salmista fala da “glória” com a qual o homem foi (potencialmente) coroado para que tivesse “domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste” (*Salmos 8:5, 6*). À medida que o plano divino se desenrola, fica claro que a prometida “semente da mulher” que reverterá o desastre causado por Satanás (*Gênesis 3:15*) será descendente de Davi (*2 Samuel 7:13-16*). Ele chamará Deus de seu Pai (*2 Samuel 7:14*) e será designado como o Filho de Deus, o Messias, a quem Deus confia o governo da terra (*Salmos 2*). Antes de assumir seu cargo real, no entanto, o Messias deve sentar-se à direita do Pai e levar o título de “Senhor” (*Salmos 110:1*). [24] Como Filho do Homem, homem representativo, ele tomará seu lugar no céu antes de receber de Deus autoridade para administrar um império universal (*Daniel 2:44; 7:14; Atos 3:20, 21*). Tendo em sua primeira vinda sofrido pelos pecados do povo (*Isaías 53; Salmos 22*), ele voltará como o primogênito de Deus, o governante dos reis da terra (*Salmos 89:27*), prefigurado por Davi, que também foi escolhido do povo (*Salmos 89:19, 20*).

Como o segundo Moisés, o Messias deveria surgir em Israel (*Deuteronômio 18:18*), derivando sua filiação divina de um nascimento sobrenatural de uma virgem (*Isaías 7:14; Lucas 1:35*), e sendo confirmado como Filho de Deus por meio de sua ressurreição dos mortos (*Romanos 1:4*). Como Sumo Sacerdote, o Messias agora serve seu povo do céu (*Hebreus 8:1*) e aguarda o tempo da restauração de todas as coisas (*Atos 3:21*), quando ele está destinado a ser reintroduzido na terra como Rei dos Reis, a figura divina do Salmo 45 (*Hebreus 1:6-8*). Nessa época, na nova era do Reino, ele governará com seus discípulos (*Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; 1 Coríntios 6:2; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3: 21; 20:4*). Assim como Adão lidera a criação original dos seres humanos na terra, Jesus é o Cabeça criado da Nova Ordem da humanidade, em quem os ideais da raça humana serão cumpridos (*Hebreus 2:7*).

Dentro dessa estrutura messiânica, a pessoa e a obra de Jesus podem ser explicadas em termos entendidos pelos apóstolos. Seu propósito mesmo ao apresentar a cristologia mais “avançada” é proclamar a crença em Jesus como o Messias e Filho de Deus (*João 20:31*), que é o centro de todo o propósito de Deus na história (*João 1:14*). Embora Jesus esteja obviamente coordenado da maneira mais íntima com seu Pai, este último continua sendo o “único Deus verdadeiro” do monoteísmo bíblico (*João 17:3*). Jesus representa assim a presença do único Deus, seu Pai. No homem Jesus, Emanuel, o único Deus está presente conosco (*João 14:9*). [25]

De Filho de Deus a Deus Filho

Pesquisamos o Jesus da Bíblia reunindo as várias vertentes dos dados revelados nos registros inspirados. A imagem que emerge é diferente da imagem apresentada pelo Cristianismo tradicional no sentido de que a pessoa de Cristo que descrevemos não complica o primeiro princípio da fé bíblica, ou seja, a crença naquele que é verdadeiramente e absolutamente Deus (*João 17:3; 5:44*).

É fácil ver como o Messias bíblico se tornou “Deus Filho” dos teólogos post-bíblicos. Isso só foi possível quando o messianismo essencial da Bíblia foi gradualmente suprimido. O termo “Filho de Deus”, que nas Escrituras é um título puramente messiânico que descreve a glória do homem em comunhão íntima com o Pai, foi desde o segundo século mal compreendido e reaplicado à natureza divina de um Deus/Homem. Ao mesmo tempo, a designação “Filho do Homem”, nada menos que um título do Messias como homem

representativo, foi feita para se referir à sua natureza humana. Desta forma, ambos os títulos, Filho de Deus e Filho do Homem, foram esvaziados de seu significado messiânico original e seu significado bíblico foi perdido. Embora a evidência do AT tenha sido amplamente rejeitada – assim como a evidência dos Evangelhos sinóticos, Atos, Pedro, Tiago e João no livro de Apocalipse – uma série de versículos no Evangelho de João e dois ou três nas epístolas de Paulo foram reinterpretados, para acomodar a nova ideia de que Jesus era o segundo membro de uma Trindade eterna, coigual e coessencialmente Deus. Esse Jesus, no entanto, dificilmente é o Jesus dos documentos bíblicos. Ele é outro Jesus (2 *Coríntios 11:4*).

O Homem E A Mensagem Obscurecida

Com a perda do significado bíblico do Messias, houve uma perda paralela do significado do Reino Messiânico, que é o centro de todos os ensinamentos de Jesus e o coração do evangelho (*Lucas 4:43; Atos 8:12; 28:23, 31*). A esperança do estabelecimento do reino do Messias numa terra renovada, tema de todas as profecias AT que Jesus veio confirmar (*Romanos 15:8*), foi substituída pela esperança do “céu quando morreres”; e uma enorme peça de propaganda convenceu (e continua a convencer) um público não instruído de que Jesus nunca acreditou em nada tão “terreno”, político ou “não espiritual” como o Reino de Deus na terra.

O resultado das mudanças radicais que gradualmente superaram a visão da igreja (começando já no segundo século) foi uma perda da mensagem central de Jesus – o evangelho sobre o Reino de Deus (*Lucas 4:43; Atos 8:12; 28:23, 31*) – bem como um mal-entendido sobre quem ele era. As igrejas ficam embaraçadas explicando como, por um lado, Jesus foi o cumprimento das profecias do AT sobre o Messias, enquanto ele supostamente rejeitou as promessas do AT de que o Messias está vindo para governar a terra! A teoria geralmente avançada é que Jesus sustentou o AT na medida em que ensinava um ideal ético de amor, mas rejeitou a visão dos profetas de uma intervenção divina catastrófica na história, levando a uma renovação da sociedade na terra sob o Reino de Deus. [26] Em resumo, supõe-se que Jesus afirmou ser o Messias, mas ao mesmo tempo eliminou toda a esperança de restauração da teocracia pela qual seus contemporâneos ansiavam.

Não há dúvida alguma de que os fiéis em Israel estavam de fato ansiosos pela chegada do Messias para governar a terra, mas Jesus, como há muito se afirma, separou-se de tais expectativas “rústicas”. [27] A questão de por que os judeus esperavam um império messiânico concreto na terra é silenciosamente ignorada. Se fosse perguntado, a resposta obviamente teria que ser que as Escrituras do AT o haviam predito em todos os detalhes.

As igrejas terão que perceber que não estão jogando limpo com a Bíblia, permitindo apenas o primeiro ato do drama divino – a parte que diz respeito ao Messias sofredor e moribundo – enquanto descartam o segundo ato, a futura chegada do Messias, como Rei triunfante, enviado de Deus para criar uma paz efetiva e duradoura na terra. A ressurreição e ascensão de Jesus e sua atual sessão à direita do Pai são apenas parte do triunfo do Filho de Deus, como o NT o entende.

Um equívoco sério e fundamental fundamenta as formas tradicionais de pensar sobre o papel de Jesus na história. Tem a ver com a função político-teocrática do Messias, que é o principal ingrediente da messianidade. Até agora, todo esforço tem sido feito para sustentar a crença, ao contrário das afirmações mais diretas das Escrituras, de que Jesus promete à igreja que ela governará com ele no futuro Reino Messiânico (*Mateus 19:28; Lucas 22:28-30*) devem ser aplicadas à era atual. O que continua a ser esquecido é que é “quando Jesus vier em sua glória” no final da era atual (*Mateus 25:31*), “quando, na regeneração,

o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória” (Mateus 19:28), que a igreja deve governar com ele. Para que não haja a menor dúvida, o coro dos seres divinos canta sobre a igreja, oriunda de todas as nações, a quem Deus constituiu uma linhagem de reis e sacerdotes destinados a “reinar na terra” (Apocalipse 5:10). O puro messianismo do Salmo 2 permanece tão forte como sempre em Apocalipse 2:26 e 3:21, e estas são as próprias palavras de Jesus para a igreja (Apocalipse 1:1; 22:16). O Jesus das Escrituras não é outro senão o Messias da profecia AT e da literatura apocalíptica.

Há uma necessidade urgente de os fiéis se envolverem em uma investigação pessoal das Escrituras livres deste ou daquele credo atualmente aceito de bom grado “com base na fé”. Teremos que ser honestos o suficiente para admitir que as opiniões da maioria não são automaticamente as corretas e que a tradição, aceita acriticamente, pode ter ido longe ao enterrar a fé original como Jesus e os apóstolos a ensinaram. Pode ser que devamos levar a sério a observação do cónego *H.L. Goudge* quando ele escreveu sobre o desastre que ocorreu “quando a mente grega e romana, em vez da hebraica, passou a dominar a igreja”. Foi “um desastre na doutrina e na prática”, de acordo com Canon *Goudge*, “do qual a Igreja nunca se recuperou”. [28] A recuperação só pode começar quando o aviso solene de João é levado em consideração de que “*Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo?*” (1 João 2:22). [29] Jesus deve ser proclamado como o Messias, com tudo o que esse termo altamente colorido significa em seu contexto bíblico.

O Que Os Académicos Admitem

Em um artigo sobre “*Preaching Christ*” (Pregar Cristo) (Dicionário de Cristo e os Apóstolos, Vol. II, p. 394), *James Denny* diz: “É inútil dizer que Jesus é o Cristo, se não sabemos quem ou o que Jesus é. Não faz sentido dizer que um desconhecido está à direita de Deus, exaltado e soberano; quanto mais os homens acreditassem ardentemente que Deus lhes dera um Príncipe e Salvador nesta exaltação, mais ansiosos estariam para saber tudo o que poderia ser conhecido sobre ele”.

Esta excelente declaração é seguida por outra observação valiosa de que “não há pregação de Cristo que não se baseie na base em que se baseou a pregação dos apóstolos”. O que então Jesus e os apóstolos pregaram? “Uma das maneiras pelas quais Jesus representou seu significado absoluto para a verdadeira religião foi esta: ele se considerava o Messias. O papel messiânico só poderia ser preenchido por uma pessoa, e ele próprio era a pessoa em questão; ele e nenhum outro era o Cristo”. Tudo isso é excelente, mas os pensamentos que se seguem começam a revelar uma inquietação sobre a messianidade de Cristo, apesar dos protestos em contrário. “Mas o Cristo é uma conceição que nós, em outra época, podemos usar para algum propósito? Só, deve ser respondido, se empregarmos o termo com muita latitude.” *James Denny* não parece estar ciente de que está prestes a minar o messianismo bíblico de Jesus e, uma vez que Jesus não pode ser separado de seu ofício messiânico, obscurecer a identidade de Jesus. Ele prossegue: “É certo que para aqueles que primeiro vieram a crer em Jesus como o Cristo, o nome era muito mais definido do que é para nós; tinha forma e cor que não tem mais”. Mas isso deve significar que perdemos de vista o que significa acreditar que Jesus é o Messias. *Denny* dá a impressão de que agora temos a liberdade de criar nossa própria ideia de messianidade, desconsiderando a definição bíblica dela.

Foi, no entanto, precisamente essa tendência que trouxe desastre para a igreja logo após a morte dos apóstolos. A igreja começou a criar sua própria conceição do Messias e, ao fazê-lo, perdeu contato com o Jesus da Bíblia. *Denny* diz que o termo Messias “tinha expectativas relacionadas a ele que, para nós, perderam a vitalidade que outrora possuíam”. Exatamente; mas por que perderam o sentido, senão porque

deixamos de acreditar no que a Bíblia nos diz sobre o Messias? “Em particular”, diz *Denny*, “as associações escatológicas [30] do termo Messias não têm para nós a importância que tiveram para os primeiros crentes. No ensinamento de Jesus, essas associações se agrupam em torno do título Filho do Homem... que é usado como sinônimo de Cristo... Nada era mais característico do cristianismo primitivo do que a segunda vinda de Jesus no caráter de Cristo. Era a própria essência do que a igreja primitiva entendia por esperança... nossa visão do futuro é diferente da deles”.

Com que autoridade é diferente? Certamente não se pode deixar de lado um dos traços mais característicos do Cristianismo da Bíblia e continuar chamando o que resta de a mesma fé. [31] É esse afastamento sutil da esperança característica da igreja primitiva que deve sinalizar para nós a perigosa diferença entre o que chamamos de cristianismo e o que os apóstolos entendem por esse nome. Não faz sentido dizer que somos cristãos se abandonamos a característica essencial da concepção do NT do Messias em quem afirmamos crer.

Denny suspeita com razão de uma tendência entre os estudiosos de “assumir tacitamente que é um erro acreditar em Cristo como aqueles que primeiro o pregaram acreditaram. Tal crítica torna sua tarefa tornar a personalidade de Jesus *exatamente igual à nossa* e sua consciência *exatamente como a nossa pode ser*” (ênfase minha).

Este é precisamente o nosso problema, mas também o de *Denny*, que admite que “a nossa visão do futuro é diferente da dos apóstolos”. Mas sua visão do futuro baseava-se em sua compreensão central de Jesus como o Messias, o governante do futuro Reino de Deus, cujo poder foi manifestado antecipadamente no ministério de Jesus. Por qual lógica podemos desistir da esperança que era “a característica essencial do cristianismo apostólico” e ainda pretender ser cristãos? Nesta auto contradição reside o grande fracasso das igrejas em permanecer fiéis a Jesus como o Messias. Preferimos nossa própria perspectiva e nossa própria visão do messianismo; e achamos apropriado anexar à nossa própria ideia o nome de Jesus. Não criamos assim “outro Jesus” à imagem de nossos corações gentios?

Uma leitura atenta das obras padrão sobre cristologia revela algumas admissões notáveis que podem encorajar o leitor a conduzir uma busca pessoal pela verdade sobre Jesus. Em um artigo sobre o Filho de Deus, *William Sanday*, que já foi professor de divindade em Oxford, pergunta se há algum texto nos quatro Evangelhos que possa nos levar à ideia de Jesus como o “Filho preexistente de Deus”. Ele conclui que todas as declarações sobre Jesus em Mateus, Marcos e Lucas referem-se à vida de Cristo na terra. Não há uma única referência a ele ter sido o Filho de Deus antes de seu nascimento. Se examinarmos o Evangelho de João, “devemos procurar um pouco por expressões isentas de ambiguidade. *Talvez não haja nenhum*” (*Hastings Dictionary of the Bible*, Vol. IV, p. 576, ênfase minha).

Aqui, então, está a declaração de um importante especialista no sentido de que pode não haver uma única referência em todos os quatro Evangelhos a Jesus ser o Filho de Deus antes de seu nascimento. No entanto, permanece um fato que as igrejas ensinam a filiação eterna de Jesus como um princípio básico e indispensável da fé.

O professor *Sanday* fica imaginando por que Mateus, Marcos e Lucas não sabem nada sobre a preexistência de Jesus: “É provável que os escritores não tenham refletido sobre o assunto e não tenham reproduzido uma parte dos ensinamentos de nosso Senhor sobre isso” (*Ibidem* ., pág. 577). Quando ele chega às epístolas, *Sanday* só pode conjecturar que pode haver uma referência a um Filho preexistente em *Hebreus 1:1-3*, mas de forma alguma necessariamente. Em *Colossenses 1:15* ele diz que “a ideia principal

em ‘primogênito’ é a dos direitos legais do primogênito, sua precedência sobre todos os que nasceram depois dele”. Ele acrescenta que “parece errado excluir também a ideia de prioridade [no tempo]”. Ele conclui suas observações citando um teólogo alemão dizendo que “do AT e do rabinismo não há caminho para a doutrina da divindade de Cristo” (ou seja, que ele é Deus). O professor *Wernle* sustentou que “o título Filho de Deus é estritamente judaico e que o passo adiante de Filho de Deus para Deus, o Filho, foi dado em solo gentio por meio de ideias frouxas trazidas pelos convertidos do paganismo” (Ibidem., pág. 577).

Declarações desse tipo mostram em que terreno instável todo o edifício da “Filiação preexistente” foi construído. A possibilidade de que as declarações dogmáticas sobre Jesus que datam de tempos post-bíblicos deve ser encarada de forma direta deve ser encarada com base em sua própria autoridade, e não na dos apóstolos. O caminho mais sábio é tomar nossa posição sobre as declarações dogmáticas da própria Escritura e reconhecer com Jesus que “*E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*”. (João 17:3).

Jesus, Homem e Mediador

O Jesus apresentado pelos apóstolos não é “Deus Filho”. Este título não aparece em nenhum lugar da Bíblia. Jesus é o Filho de Deus, o Messias, cuja origem deve ser rastreada até sua concepção milagrosa (*Lucas 1:35*). O único Deus das Escrituras permanece no NT a única Pessoa revelada no AT como o Deus Criador de Israel. “*Cristo Jesus, homem*” (*1 Timóteo 2:5*), é o mediador entre o único Deus, o Pai, e a humanidade. Este Jesus pode salvar “*totalmente*” (*Hebreus 7:25*). Qualquer outro Jesus deve ser evitado como uma falsificação enganosa – e é muito fácil ser “*enganado*” (*2 Coríntios 11:4*).

A Confissão Da Igreja

A igreja que Jesus fundou é baseada na confissão central de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus (*Mateus 16:16*). Essa confissão é seriamente distorcida quando um novo significado antibíblico é associado ao termo “Filho de Deus”. Que tal distorção ocorreu deve ser evidente para os estudantes de história da teologia. Seus efeitos estão conosco até hoje. O que é urgentemente necessário é um retorno à confissão na rocha de Pedro, que, na presença de Jesus (*Mateus 16:16*), dos judeus (*Atos 2:3*), e no final de seu ministério declarou que Jesus é o Messias de Israel, o Salvador do mundo, pré-conhecido nos conselhos de Deus, mas manifestado nestes últimos tempos (*1 Pedro 1:20*). O fato estupendo da messianidade de Jesus é entendido apenas pela revelação divina (*Mateus 16:17*).

A figura fundadora do cristianismo deve ser apresentada dentro do quadro hebraico-bíblico. É aí que descobrimos o Jesus real, histórico, que é também o Jesus da fé. Fora desse quadro inventamos “outro Jesus” porque seus títulos descritivos bíblicos perderam seus significados originais (comparar. *2 Coríntios 11:4*).

Quando os títulos de Jesus são investidos de um novo significado antibíblico, fica claro que eles não transmitem mais sua identidade com veracidade. Quando isso acontece, a fé cristã está em perigo. Nossa tarefa, portanto, deve ser proclamar Jesus como o Messias da visão dos profetas, e devemos entender por Messias e Filho de Deus o que Jesus e o NT entendem por esses termos. A igreja pode reivindicar ser a guardiã do cristianismo autêntico somente quando fala em harmonia com os apóstolos e diz ao mundo quem é Jesus.

APÊNDICE

Um dos fatos mais impressionantes preditos sobre o Messias é que ele definitivamente não é Deus, mas o Filho de Deus. *Salmo 110:1* é o principal texto-prova cristológico do NT, aludido cerca de 23 vezes. A relação entre Deus e o Messias é indicada precisamente pelo título dado ao Messias – “*adonî*” (*Salmo 110:1*). Esta forma da palavra “senhor” invariavelmente (todas as 195 ocorrências) designa figuras não-Deidades no AT. “*Adonî*” deve ser cuidadosamente distinguido de “*adonai*”. “*Adonai*” em todas as suas 449 ocorrências significa a Divindade. “*Adonai*” não é a palavra que aparece em *Salmo 110:1*. Esta importante distinção entre Deus e o homem é uma parte vital do texto sagrado, e é confirmada pelo próprio Jesus em *Mateus 22:41* e seguintes. Coloca o Messias na categoria de homem, por mais elevado que seja. *Salmo 110:1* aparece em todo o NT como um texto-chave que descreve o status do Messias em relação ao Deus Único (ver *Atos 2:34-36*).

“*Adonai*” e “*Adonî*” (*Salmos 110:1*) O texto de prova do AT preferido do NT

Por que o Messias é chamado “*adonî*” (meu senhor) e nunca “*adonai*”? (Senhor Deus)

“*Adonai*” e “*adonî*” são variações do apontamento massorético para distinguir a referência divina da humana. “*Adonai*” é referido a Deus, mas “*Adonî*” a superiores humanos.

“*Adonî*” – refere aos homens: meu senhor, meu mestre [veja *Salmos 110:1*].

“*Adonai*” – refere a Deus... Senhor” (*Brown, Driver, Briggs, Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, sob “*adon*” [= senhor], págs. 10, 11).

“A forma “*ADONP*” (‘meu senhor’), um título real (*1 Samuel 29:8*), deve ser cuidadosamente distinguida do título divino “*ADONAI*” (‘meu Senhor’) usado para Javé.” “*ADONAI*” – a forma plural especial [o título divino] o distingue de “*adonai*” [com vogal curta] = meus senhores [encontrado em *Gênesis 19:2*]” (*International Standard Bible Encyclopedia*, “Senhor”, pág. 157).

“Senhor no AT é usado para traduzir “*ADONAI*” quando aplicado ao Ser Divino. A palavra [hebraica]... tem um sufixo [com indicação especial] presumivelmente por uma questão de distinção. Às vezes é incerto se é um apelativo divino ou humano... O Texto Massorético às vezes decide isso por uma nota que distingue entre a palavra quando 'santo' ou apenas 'excelente', às vezes por uma variação na pontuação [vogal] – “*adonî*”, “*adonai*” [vogal curta] e “*adonai*” [vogal longa]” (*Hastings Dictionary of the Bible*, “Lord,” Vol. 3, pág. 137).

“O hebraico “*Adonai*” denota exclusivamente o Deus de Israel. É atestado cerca de 450 vezes no AT... “*Adonî*” [é] dirigido a seres humanos (*Gênesis 44:7, Números 32:25, 2 Reis 2:19* [etc.]). Temos que assumir que a palavra “*adonai*” recebeu sua forma especial para distingui-la do uso secular de “*adon*” [isto é, “*adonî*”]. A razão pela qual [Deus é tratado] como “*adonai*”, [com vogal longa] em vez do normal “*adon*”, “*adonî*” ou “*adonai*” [com vogal curta] pode ter sido para distinguir Yahweh de outros deuses e de senhores humanos” (“*Dictionary of Deities and Demons in the Bible*” – Dicionário de Divindades e Demônios na Bíblia, p. 531).

“O alongamento do ā em “Adonai” [o Senhor Deus] pode ser atribuído à preocupação dos massoretas em marcar a palavra como sagrada por um pequeno sinal externo” (“*Theological Dictionary of the OT*, “*Adon*” – Dicionário Teológico do AT, “*Adon*”, pág. 63 e “*Theological Dictionary of the NT*” – Dicionário Teológico do NT, III, 1060 e seguintes, n. 109).

“A forma 'para meu senhor', “*l'adoni*”, nunca é usada no AT como uma referência divina... o fato geralmente aceito [é] que o apontamento massorético distingue referências divinas (adonai) de referências humanas (*adoni*) (Wigram, “*The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the OT*” – Concordância hebraica e caldaica do AT, p. 22)” (Herbert Bateman, “*Psalm 110:1 and the NT*” – Salmo 110:1 e o NT,” *Bibliotheca Sacra*, out.dez., 1992, pág. 438).

O professor *Larry Hurtado*, da Universidade de Edimburgo, célebre autor de um clássico moderno sobre cristologia: “Não há dúvida de que os termos “Adonai e *adoni*” funcionam de maneira diferente: um é uma maneira reverente de evitar pronunciar a palavra YHVH e o outro o uso de a mesma palavra para *figuras não divinas*” (de correspondência, 24 de junho de 2000).

Como Jesus Foi Transformado Em Deus

O NT apresenta Jesus como o Cristo, o Filho Messiânico de Deus. Ele funciona como agente e representante de Yahweh, seu Pai, o Deus de Israel. Jesus fundou sua igreja na revelação de que ele é “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (*Mateus 16:16*). Como Filho de Deus, ele foi criado ou gerado sobrenaturalmente (*Mateus 1:20; Lucas 1:35; Atos 13:33*, não KJV; *1 João 5:18*) no ventre de sua mãe. Isso o constitui como o único Filho de Deus, o “unigênito” ou “*filho unigênito de Deus*” (*João 1:14, 18; 3:16, 18; 1 João 4:9*) e o Senhor Messias (*Lucas 2:11*), não o Senhor Deus. Porque ele foi gerado – trazido à existência - ele não pode, por definição, ser eterno. Portanto, o termo “Filho eterno” é uma expressão obviamente sem sentido. “Eterno” significa que você não tem começo. Ser gerado significa que você tem um começo. Todos os filhos são gerados e, portanto, “Deus Filho” é um título enganoso para Jesus, o Messias. Você não pode ser o Deus eterno e o Filho de Deus ao mesmo tempo! Os pais da igreja do segundo século em diante, começando provavelmente com Justino Mártir, começaram a mudar a história do Filho de Deus de volta à pré-história, distorcendo e eclipsando sua verdadeira identidade. Eles o removeram de seu status de Cabeça da nova criação humana, o Segundo Adão. Eles minimizaram sua história real e inventaram uma pré-história cósmica para ele. Isso destruiu sua identidade como o “homem Messias Jesus”. Mais tarde, Orígenes inventou um novo significado para a palavra “gerado” ou “gerado”. Ele chamou Jesus de Filho “gerado eternamente” – um conceito sem significado que contradiz o relato do NT da “geração” real ou “geração” do Filho por volta de 2 AC.

Esta mudança fundamental de paradigma que deu origem ao terrível “problema da Trindade” é corretamente atribuída pelos “restauracionistas” aos Padres da Igreja pré-Nicenos que, usando um modelo platônico médio, começaram a projetar o Jesus histórico, o Filho Messiânico de Deus, de volta aos tempos pré-históricos e ante mundanos. Eles produziram um Filho metafísico que substituiu o Filho/Rei Messiânico descrito na Bíblia – o Filho Messiânico cuja existência ainda era futura quando ele foi predito como o Rei prometido pela aliança feita com Davi (*2 Samuel 7:14*, “ele será Meu Filho [de Deus]”). *Hebreus 1:1, 2* diz expressamente que Deus não falou por meio de um Filho nos tempos do AT. Isso porque ainda não havia um Filho messiânico de Deus.

O *Professor Loofs* descreveu o processo da corrupção inicial do cristianismo bíblico:

“Os apologistas [‘pais da igreja’ como Justino Mártir, meados do século II] lançaram as bases para a perversão/corrupção (*Verkehrung*) do Cristianismo em um ensinamento [filosófico] revelado. Especificamente, sua cristologia afetou desastrosamente o desenvolvimento posterior. Ao dar como certa a transferência do conceito de Filho de Deus para o Cristo preexistente, eles foram a causa do problema cristológico do quarto século. Eles causaram uma mudança no ponto de partida do pensamento cristológico – *longe do Cristo histórico* e na questão da preexistência. Assim, desviaram a atenção da vida histórica de Jesus, colocando-a na sombra e promovendo, em vez disso, a Encarnação [isto é, de um Filho preexistente]. Eles amarraram a cristologia à cosmologia e não conseguiram ligá-la à soteriologia. O ensinamento do Logos não é uma cristologia “mais elevada” do que a habitual. De fato, fica muito atrás da apreciação genuína de Cristo. De acordo com seus ensinamentos, não é mais Deus quem se revela em Cristo, mas o Logos, o Deus inferior, um Deus que, como Deus, está subordinado ao Deus Altíssimo (inferiorismo ou subordinacionismo).

“Além disso, a supressão de ideias econômico-trinitárias por conceitos metafísicos-pluralistas da tríade divina (trias) pode ser atribuída aos apologistas” (*Friedrich Loofs, “Leitfaden zum Studium des Dogmengeschichte”* (Manual para o Estudo da História do Dogma), 1890, parte 1 cap. 2, seção 18: “*Christianity as a Revealed Philosophy. The Greek Apologists*” (Cristianismo como filosofia revelada. Os apologistas gregos), Niemeyer Verlag, 1951, pág. 97, tradução minha).

Aqueles que se dedicam a restaurar a identidade do Jesus bíblico, Filho de Deus, podem se animar com as palavras incisivas de um dos principais teólogos sistemáticos de nossos tempos. Ele restaura o significado bíblico do título crucial “Filho de Deus”, resgatando-o da obscuridade milenar que sofreu dos pais e teólogos da igreja de mentalidade platônica.

O professor *Colin Brown*, editor geral do “*New International Dictionary of New Testament Theology*” (Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), escreve: “O cerne da questão está em como entendemos o termo Filho de Deus... O título Filho de Deus não é em si uma expressão de Divindade ou a expressão de distinções metafísicas dentro da Divindade. De fato, para ser um ‘Filho de Deus’ é preciso ser um ser que não é Deus! É uma designação para uma criatura que indica um relacionamento especial com Deus. Em particular, denota o representante de Deus, o vice-regente de Deus. É uma designação de realza, identificando o rei como o Filho de Deus... Na minha opinião, o termo ‘Filho de Deus’ converge, em última instância, para o termo ‘imagem de Deus’, que deve ser entendido como o representante de Deus, aquele em quem o espírito de Deus habita, e a quem é dada mordomia e autoridade para agir em nome de Deus... Parece-me ser um erro fundamental tratar declarações no Quarto Evangelho sobre o Filho e seu relacionamento com o Pai como expressões de relacionamentos trinitários internos. Mas este tipo de leitura sistemática e errada do Quarto Evangelho parece ser a base de muito do pensamento social trinitário... Filho estava com Deus, e o Filho era Deus’ (*João 1:1*). O que aconteceu aqui é a substituição do Filho pelo Verbo (Grego: *logos*) e, assim, o Filho se torna um membro da Divindade que existiu desde o início” (“*Trinity and Incarnation: Towards a Contemporary Orthodoxy*” – Trindade e Encarnação: Rumo a uma Ortodoxia Contemporânea, *Ex Auditu*, 7, 1991, págs. 87-89).

NOTAS FINAIS

- [1] *Bultmann*, por exemplo, em “*Essays Philosophical and Theological*” (Ensaios filosóficos e teológicos), pág. 276, afirma que **João 20:28** é a única instância segura no NT do título “deus” sendo aplicado a Jesus. A maioria concordaria que **Hebreus 1:8** é um segundo exemplo claro. Observe a tradução cuidadosa da *New American Bible*: “*Teu trono, ó deus, permanece para sempre*” (**Salmos 45:6**). O Deus da Bíblia é designado milhares de vezes pelo pronome pessoal singular “eu”, “tu”, “ele”, etc. Os pronomes pessoais singulares descrevem uma única pessoa, não três. Das quase 4.400 ocorrências da palavra “Deus” na Bíblia, não se pode mostrar que nenhuma delas signifique “Deus existente em três Pessoas”. Este fato deve convencer os de mente aberta de que a Bíblia nunca apresenta Deus como uma Trindade. O Deus Triuno é estranho às Escrituras.
- [2] A frase “geração eterna do Filho”, que é o eixo do trinitarismo ortodoxo, não tem significado, pois gerar significa trazer à existência, enquanto a eternidade está fora do tempo. Comparar. o protesto do Dr. *Adam Clarke*: “Acredito que posso dizer, com todo o respeito por aqueles que diferem de mim, que a doutrina da filiação eterna de Cristo é, em minha opinião, antibíblica e altamente perigosa... dizer que ele foi gerado desde toda a eternidade é, na minha opinião, um absurdo; e a frase “Filho eterno” é uma Auto contradição positiva. ‘Eternidade’ é aquilo que não teve começo, nem está em qualquer referência ao tempo. ‘Filho’ supõe tempo, geração e pai, e tempo também antecedente a tal geração. Portanto, a conjunção destes dois termos, ‘Filho’ e ‘eternidade’, é absolutamente impossível, pois implicam ideias essencialmente diferentes e opostas” (“*Commentary on Luke 1:35*” – Comentário sobre **Lucas 1:35**). Dr. *J. O. Buswell* escreve: “Podemos dizer com confiança que a Bíblia não tem absolutamente nada a dizer sobre ‘gerar’ como um relacionamento eterno entre o Pai e o Filho” (“*A Systematic Theology of the Christian Religion*” – Uma Teologia Sistemática da Religião Cristã), Zondervan, 1962, pág. 111).
- [3] Estou em dívida com F.F. Bruce pela seguinte observação perspicaz: “As pessoas que aderem à “*sola scriptura*” (como acreditam) muitas vezes aderem de fato a uma escola tradicional de interpretação da “*sola scriptura*”. Os protestantes evangélicos podem ser tão servidores da tradição quanto os católicos romanos ou os cristãos ortodoxos gregos; só que não percebem que é ‘tradição’” (da correspondência).
- [4] Assim, os judeus traduziram a expressão hebraica quando traduziram suas Escrituras para o grego.
- [5] Comparar. a observação de *E. Kautzsch*: “A referência em **Miqueias 5:2** é à antiguidade remota... **Deuteronomio 32:7** mostra que este é o significado de ‘dias antigos’ (não ‘dias da eternidade’, como se o que fosse falado fosse a preexistência eterna do Messias)” (“*Hastings Dictionary of the Bible*” – Dicionário Hastings da Bíblia, extra vol., pág. 696). “*The Pulpit Commentary*” – O Comentário do Púlpito (Miqueias, pág. 82) observa que “a geração eterna, humanamente falando, é uma ficção teológica, um absurdo filosófico”.
- [6] Uma fraqueza da maioria dos sistemas teológicos é a recusa de ver nas afirmações atribuídas a Jesus no Apocalipse as próprias palavras do Mestre. Quando a cristologia do Apocalipse é posta de lado, as afirmações de Jesus no livro (**Apocalipse 1:1**) são negadas e o resultado é uma cristologia distorcida.
- [7] “Deve-se notar que João é uma testemunha tão invariável quanto qualquer outra no NT do princípio fundamental do judaísmo, do monoteísmo unitário (comparar. **Romanos 3:30; Tiago 2:19**). Há um único, verdadeiro e único Deus (**João 5:44; 17:3**)” (*J.A.T. Robinson*, “*Twelve More New Testament Studies*” (Mais doze estudos do Novo Testamento), SCM Press, 1984, p. 175). Jesus referiu-se ao Pai como “**o único que é verdadeiramente Deus**” (**João 17:3**). Tais afirmações deveriam acabar com qualquer discussão. Somente o Pai é o único Deus verdadeiro.

- [8] Alternativamente, a “ascensão” de Jesus pode ser uma referência ao seu conhecimento dos segredos divinos (comparar. *Proverbios 30:3, 4*).
- [9] É típico do pensamento judaico que o que é prometido para o futuro pode ser dito que já existe no plano de Deus. Assim, em *João 17:5*, Jesus já “tinha” glória “com” o Pai. A glória era a sua recompensa prometida. Da mesma forma, os cristãos já “têm” uma recompensa guardada no céu. É uma recompensa “com” o Pai (*Mateus 6:1*; comparar. *João 17:5*: “*a glória que eu tinha contigo antes da fundação do mundo*”). “Em alguns escritos judaicos, a preexistência é atribuída ao Messias esperado, mas apenas em comum com outras coisas e pessoas veneráveis, como o Tabernáculo, a Lei, a cidade de Jerusalém, o próprio legislador Moisés, o povo de Israel” (Ottley, “*Doctrine of Incarnation*” – Doutrina da Encarnação, pág. 59).
- [10] Cp. G.B. Caird, “*The Development of the Doctrine of Christ in the New Testament*” (O Desenvolvimento da Doutrina de Cristo no Novo Testamento), pág. 79: “Os judeus acreditavam apenas na preexistência de uma personificação; a sabedoria era uma personificação, seja de um atributo divino ou de um propósito divino, mas nunca uma pessoa. Nem o quarto Evangelho nem Hebreus jamais falam da eterna Palavra ou Sabedoria de Deus em termos que nos compelem a considerá-la como uma pessoa”.
- [11] H.H. Wendt, D.D., “*Commenting on John 8:58*” (Comentando sobre João 8:58), diz: “A vida terrena de Jesus foi predeterminada e prevista por Deus antes do tempo de Abraão” (*The Teaching of Jesus*, Vol. II, pág. 176).
- [12] Edwin Freed em *JTS*, 33, 1982, pág. 163: “Em *João 8:24*, ‘*ego eimi*’ deve ser entendido como uma referência à messianidade de Jesus... ‘Se vocês não acreditarem que eu sou, vocês morrerão em seus pecados.’”
- [13] Veja nota 10.
- [14] Cp James Dunn, “Christology in the Making” (Cristologia em processo), pág. 243, discutindo *João 1:1-14*: “A conclusão que parece emergir de nossa análise é que é somente com o *versículo 14* que podemos começar a falar do *Logos* pessoal... O ponto é obscurecido pelo fato de termos traduzir o *logos* masculino como ‘ele’... Mas se, em vez disso, traduzíssemos *logos* como ‘expressão de Deus’, ficaria mais claro que o poema não pretendia necessariamente que o *Logos* nos *versículos 1-13* fosse pensado como um divino pessoal ser”.
- [15] Supondo que ele seja devidamente batizado, totalmente instruído e ativo de acordo com a Verdade da Escritura. O leitor deve estar ciente de que as ideias contemporâneas do que é ser cristão podem não corresponder a uma definição bíblica. *Mateus 7:21* fornece o aviso mais incômodo do NT.
- [16] vol. Eu, pág. 194.
- [17] Ver particularmente C.H. Talbert, “O Problema da Preexistência em *Filipenses 2:6-11*,” *JBL* 86 (1967), págs. 141-53. Também G. Howard, “*Philippians 2:6-11 and the Human Christ*” (Filipenses 2:6-11 e o Cristo humano) *CBQ* 40 (1978), págs. 368-87.
- [18] “*New Testament Teaching in the Light of St Paul’s*” (Ensino do Novo Testamento à luz de São Paulo), págs. 65, 66.
- [19] Em *Colossenses 1:17*, muitos tradutores são menos cautelosos do que a NASB, que sabiamente relega à margem a implicação de que Jesus “existia antes de” todas as coisas. É suficiente dizer, com Paulo, que ele é “antes” de todas as coisas, significando que ele é supremo no mundo criado, não que ele é literalmente o primeiro a ser criado no tempo, ou existiu eternamente. Em *João 1:15, 30*, um entusiasmo semelhante pela preexistência é demonstrado por aquelas traduções que não nos permitem ver que o versículo pode muito bem ser traduzido: “Aquele que vem depois de mim assumiu uma posição antes de mim, porque ele tinha

prioridade absoluta sobre mim” (veja os comentários de *Raymond Brown* na série *Anchor Bible*, e de *Westcott*. Também a tradução da Bíblia de Genebra (1602): “Ele era melhor do que eu.”). A NIV é enganosa quando descreve Jesus como “voltar” ou “regressar” para o Pai. Ele estava “indo” ou “subindo” (ver *João 13:3; 16:28; 20:17*).

- [20] O NT é bastante claro sobre Deus Pai ser o criador em *Gênesis 1:1; Atos 7:50; 14:15; 17:24, Apocalipse 4:11; 10:6; 14:7; Marcos 10:6; 13:19. Hebreus 1:1-2* descreve o Deus da Bíblia Hebraica como o Pai de Jesus e exclui qualquer possibilidade de que “Deus” possa significar um Deus Triuno. Ver também *Murray Harris, “Jesus as God”* (Jesus como Deus) (Baker, 1992), fn. pág. 47: “Para o autor de Hebreus (como para todos os escritores do NT, pode-se sugerir) o ‘Deus de nossos pais’, Yahweh, não era outro senão ‘o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo’ (cp. *Atos 2 :30, 33; 3:13, 18, 25, 26*)...Seria inapropriado para “Elohim” ou Yahweh se referir à Trindade no AT quando no NT “theos” regularmente se refere apenas ao Pai e aparentemente nunca a Trindade”. Na pág. 273 (nota) *Harris* admite que “Deus” nunca se refere ao Pai e ao Filho juntos.
- [21] Compare o “*Tyndale Commentary on Hebrews by Thomas Hewitt*” (Comentário Tyndale sobre Hebreus por Thomas Hewitt) (1960), pág. 56: “A tradução é, portanto: ‘E quando ele trouxe novamente o primogênito ao mundo’.”.
- [22] Veja também *Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; e Apocalipse 2:26, 3:21 e 5:10*, que com muitos outros textos preveem o estabelecimento na terra do Reino Messiânico quando Jesus voltar.
- [23] Para mais informações sobre como o escritor de Hebreus usa *Salmo 102* em *Hebreus 1:10*, veja *F.F. Bruce, “Epistle to the Hebrews”* (Epístola aos Hebreus), págs. 21-23.
- [24] A palavra hebraica “senhor” (*adoni*, meu senhor) nunca é, em todas as suas 195 ocorrências, o título de Divindade. O Senhor Deus, em contraste, é “*Adonai*” 449 vezes. Este texto crítico prova que nenhum escritor da Bíblia pensou que o Messias era o próprio Deus. Veja o apêndice.
- [25] *João 20:28* descreve um endereço para Jesus como “meu Senhor e meu Deus”. Ambos os títulos são atribuídos ao Messias no AT (*Salmos 45:6, 11; 110:1*). Todo o propósito de João é apresentar Jesus como o Messias (*João 20:31*). Mas há um significado especial nas palavras de Tomé. Em *João 14:7*, Jesus disse a Tomé: “*Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto*”. Finalmente, após a ressurreição, Tomé vê que Deus realmente estava em Cristo e que ver Cristo era reconhecer o Deus que o havia comissionado. *João 20:28* é a continuação da conversa anterior de Jesus com Tomé e Filipe (*João 14:4-11*).
- [26] Jesus nunca negou que a teocracia predita um dia seria estabelecida por ele como o Messias. A perda teológica da Verdade do futuro Reino Messiânico envolveu também a perda do futuro cogoverno de Jesus e da igreja fiel. Assim, o objetivo do cristianismo desapareceu.
- [27] Encontrado tanto nos Salmos de Salomão como no AT, *Salmo 2*, etc.
- [28] “*The Calling of the Jews*” (O Chamado dos Judeus), nos ensaios coletados sobre Judaísmo e Cristianismo.
- [29] “*New Testament Letters*” (Cartas do Novo Testamento) parafraseadas por *J.W.C. Varinha*, D. D.
- [30] Ou seja, tendo a ver com eventos que ocorrerão no final dos tempos.
- [31] Da mesma forma que as doutrinas cristãs de Deus, do homem e da salvação são “totalmente insustentáveis sem a existência de Satanás” (*Michael Green, “I Believe in the Downfall of Satan” – Eu acredito na queda de Satanás*, Eerdmans, 1981, pág. 20).